

BREVES CONSIDERAÇÕES
MEDICO-PHILOSOPHICAS

SOBRE

O SUICIDIO.

THÈSE

14

APRESENTADA E PUBLICAMENTE SUSTENTADA

PERANTE

A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

EM 7 DE DEZEMBRO DE 1849.

POR

Pedro Carlos da Costa Cabral.

NATURAL DA BAHIA, E FILHO LEGÍTIMO DE JOSÉ DA COSTA CABRAL.

AFIM DE OBTER O GRAO DE DOUTOR EM MEDICINA.

Si, maitrisant les premières impressions que fait naitre le suicide, nous examinons la variété des causes qui peuvent le produire, nous reconnaitrons que tantôt c'est un crime qu'il faut détester, tantôt une maladie qu'il éut fallu guerir, tantôt un mouvement d'exaltation qu'il faut plaindre; et nous serons forcés d'avouer que s'il merite souvent notre réprobation, souvent aussi il réclame notre pitié et notre indulgence.

(DESCURET—Med. das Paiz)



B A H I A

TYPOGRAPHIA DE CARLOS POGGETTI,

Rua Nova do Commercio n. 21.

1849

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

DECRETOR

◉ Sr. Dr. João Francisco d'Almeida.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os SAs. DRs.	MATERIAS QUE LECCIONAÕ.
1. ANNO.	
Manoel Mauricio Rebouças	{ Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia. Physica Medica.
Vicente Ferreira de Magalhães	
2. ANNO.	
Eduardo Ferreira França	{ Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia. Anatomia geral e descriptiva.
Jonathas Abbott, <i>Presidente</i>	
3. ANNO.	
Jonathas Abbott	{ Anatomia geral e descriptiva. Physiologia.
Justiniano da Silva Gomes, <i>Examinador</i>	
4. ANNO.	
José V. de Faria Aragão Ataliba	{ Pathologia interna. Pathologia externa.
M. Ladisláo Aranha Dantas, <i>Examinador</i>	
Joaquim de Sousa Velho	{ Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.
5. ANNO.	
Francisco Marcellino Gesteira	{ Partos, molestias de mulheres peçadas, e de meninos recém-nascidos. Medicina operatoria, apparatus, e Anatomia Topographica.
João Jacinto de Alencastre	
6. ANNO.	
João Baptista dos Anjos	{ Hygiene, e Historia da Medicina. Medicina legal.
João Francisco d'Almeida	
João Antunes de Azevedo Chaves	{ Clinica externa, e Anatomia Pathologica respectiva e annexa ao 2.º 3.º 4.º 5.º e 6.º annos. Clinica interna, e Anatomia Pathologica respectiva e annexa ao 5.º e 6.º annos.
Antonio Polycarpo Cabral	

LENTES SUBSTITUTOS.

Mathias Moreira Sampaio	} Secção Cirurgica.
Elias José Pedrosa	
Malaquias Alvares dos Santos	} Secção de sciencias accessorias.
Salustiano Ferreira Souto	
Alexandre José de Queiroz, <i>Examinador</i>	} Secção Medica.
Antonio José Ozorio	

SECRETARIO.

O Sr. Dr. Prudencio José de Sousa Brito Cotegipe.

AO MEU QUERIDO E RESPEITAVEL PAI,
E MEU VERDADEIRO AMIGO,
O ILL.^{mo} S.^r JOSÉ DA COSTA CABRAL.

À MINHA CARINHOSA E DESVELLADA MÃI

A ILL.^{ma} SR.^a D. MARIA CAETANA DE JESUS CABRAL.

Aceitai, meus Pais, esta diminuta porém sincera prova do extremoso amor que vos consagra vosso filho obediente. Abençoaí-o, para que sobre elle baixem tambem as benções do Altissimo.

AO MEU CARO IRMÃO E RESPEITAVEL PADRINHO

O ILL.^{mo} S.^r. JOSÉ CHRISTINO DA COSTA CABRAL.

Filho exemplar, modelo de irmãos, bemfeitor desinteressado! Alvoreceu alfim radiante o dia em que vou occupar na sociedade a alta posição, pela qual tantos sacrificios heis feito. Não é a torpe lisonja que vai de rojo á vossos pés, com o riso nos labios e a falsidade no coração: é a candida gratidão que ahi vai depór o primeiro, bem que mal sasonado fructo de minhas vigalias e lucubrações: não como recompensa dos indeleveis beneficios recebidos, que nada ha em mim, no mundo inteiro, que recompensal-os possa; porém como publico testemunho, como diminuto e verdadeiro signal da lembrança inextinguivel de vossa philantropia. Vai em breve pousar sobre a minha humilde cabeça a auri-verde corôa de Hippocrates; e é á vós, depois de Deos, que eu a devo: fostes vós que m'a offertastes, fostes vós que commigo insististes para aceitai-a. A quem, pois, pertence a gloria que d'ahi resulta? A' vós, sómente á vós.

Ainda mais. Quando nada vos devesse eu, nem mesmo a amizade de irmão e afilhado, ainda outro motivo poderoso havia, para que vos offerecesse este meu insignificante trabalho. Está mal desempenhado, mas não importa, basta o assumpto. Tendes exaurido até a ultima gotta o fel da adversidade! porém quanto mais vos persegue ella, tanto mais se envergonha dos recursos que em vós proprio achais para combatel-a, soffrendo constante e resignado! Nunea passou pela vossa mente a mais leve sombra do desespero.

Aceitai, pois, benigno a offerta, sem reparar no seu pouco valor, que com isso mais despertaeis o meu reconhecimento e admiração.

AOS MEUS CAROS IRMÃOS E SINCEROS AMIGOS

Os SENHORES

**DR. VICENTE JOSÉ DA COSTA CABRAL,
ANTONIO GERVASIO DA COSTA CABRAL,
E SUAS EXCELLENTISSIMAS FAMILIAS.**

Deslembrar-me do quanto vos devo, seria tornar-me o mais ingrato dos irmãos. Aceitai, pois, benevolos esta exigua prova de gratidão, e do sincero amor fraternal que vos tributo.

AO MEU IRMÃO E VERDADEIRO AMIGO

O SR. DR. FRANCISCO GALDINO DA COSTA CABRAL.

Pouco me precedestes vós na aurora da vida; juntos, passamos a nossa primeira infancia entre os risos da innocencia; juntos, demos os primeiros vacillantes passos para o templo de Minerva; juntos, partilhamos quasi sempre igualmente dos favores ou desfavores da sorte: só isto bastára, quando não circulasse em nossas veias o mesmo sangue, para que tivesses em meu coração um lugar distincto. Acolhei, por tanto, esta mesquinha offerta, prova indelevel da amizade fraternal que nos une.

À SAUDOSA MEMORIA DE MINHAS CARAS IRMÃAS, ESPECIALMENTE DA MINHA IRMÃ E MADRINHA

A ILL. SR.^a D. FRANCISCA MARIA DE JESUS CABRAL.

Tão cedo vos perdi, que mal me vistes dar o primeiro passo na carreira das letras. Qual será a occasião de minha vida em que esquecer-me possa dos ternos affagos e meigos carinhos que de vós recebi? Se lá na mansão celestial, onde eternamente vivreis, pode entrar um mesquinho dom terrestre, aceitai-o.

A' SAUDOSA RECORDAÇÃO DO MEU QUERIDO IRMÃO E AMIGO

O SR. FORTUNATO JOSÉ DA COSTA CABRAL.

Raiou alfim, por entre as gallas da aurora, esse dia que tão risonho divisaveis no futuro! mas vossa saudosa lembrança o faz cobrir-se de luto! esse terno abraço, que me promettieis dar em transportes de alegria, saudoso pranto me faz verter!... Incançavel desventura!... Nunca deixas fruir o misero mortal um prazer sem uma gotta ao menos de fel!... Nem-um valor, querido irmão, tem lá onde habitaes uma dadiva terrestre; porém recebei-a como signal da indelevel saudade que no meu coração deixastes.

A' MINHA COMADRE, A EX.^{ma} SR.^a

D. LAURENTINA FILIPPA FRANCO, e sua Exm. Familia.

Signal de amizade, respeito e gratidão.

AOS MEUS COLLEGAS E AMIGOS OS ILL.^{mos} SRS. DOUTORES

LUIZ ALVARES DOS SANTOS.

JOSÉ JOAQUIM DOS SANTOS CORREIA.

JOSÉ ANTONIO BAHIA DA CUNHA.

JOÃO FERREIRA BITTENCOURT.

PEDRO DA FONSECA MELLO.

LUIZ ANTONIO PIMENTA.

Acceptai, caros collegas, este pequeno signal da pura amizade que identifica nossos corações.

AOS ILLUSTRES PROFESSORES DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

(EM PARTICULAR) AOS ILL.^{mos} SRS. DOUTORES

JONATHAS ABBOTT.

JOÃO ANTUNES DE AZEVEDO CHAVES.

ANTONIO JOSÉ OSORIO.

ELIAS JOSÉ PEDROZA.

MATHIAS MOREIRA SAMPAIO.

PRUDENCIO JOSÉ DE SOUSA BRITTO COTEGIPE.

Sympathia, Respeito e Consideração.

A ILLUSTRE FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

(EM PARTICULAR)

AOS ILL.^{mos} SRS. DOUTORES

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO.

Respeito e sympathia.

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR. GENERAL

ANTONIO CORREIA SEÁRA.

Respeito e gratidão.

AOS MEUS AMIGOS E COLLEGAS DO 6. ANNO.

Saudade.

AO MEU COMPADRE E AMIGO

O REE. SR. ANTONIO JOSÉ AAVES,

E SUA EXCELENTÍSSIMA FAMILIA.

Á ILLUSTRÍSSIMA OFFICIALIDADE
DO 4. BATALHÃO DE ARTILHARIA A PÉ,
E DO CORPO DO DEPOSITO DA BAHIA.

Amizade

AOS MEUS AMIGOS.

Pequeno signal de estima e consideração.

AOS MEUS PARENTES QUE ME ESTIMÃO.

Exiguo signal da amizade que lhes consagro.

P. C. da Costa Cabral.

LEITOR.

COMO remate dos longos e arduos trabalhos do Curso medico, como ultima prova de habilitação para o Doutorado, exige a lei uma these. Ahi a tendes. É um trabalho muito imperfeito, é um fructo bem pèco, exactamente qual o que podia produzir um terreno pouco fertil; porém não merece a tesoura da satyra, e sim as flores da indulgencia, por não ser filho da ostentação, mas de uma exigencia da lei.

Decorria o meu sexto anno, e, depois de muito vacillar, d'entre os innumerados pontos que nos offerecia cada uma das sciencias de que consta o curso, assentei que devia escrever sobre o suicidio. E qual a razão d'esta escolha? Escutai!

Victima constante da encarniçada perseguição da desventura, pouco antes de se me abrir a primeira porta do templo de Esculapio, exactamente quando mais se repetião, ou mais sensiveis me erão os cruentos golpes que sobre mim ella descarregava, uma idéa negra me adejou na mente! Lembrei-me, porém, da Santa Religião de meus Paes; lembrei-me dos sãos preceitos, e dos bons exemplos de moral, que d'elles desde o berço recebi; lembrei-me, enfim, de que tão funesto acontecimento iria cravar nos seus extremosos corações, e nos de meus queridos irmãos um agudo punhal, e risquei da mente essa idéa absurda.

Por occasião dos suicidios que entre nós tem havido n'estes ultimos tempos, tive occasião de ouvir varias vezes em conversação, que o suicidio é sempre um acto de alienação mental, quando de diverso modo eu pensava, tendo principalmente em mim proprio o exemplo do contrario.

Forão, pois, estas duas razões que me inspirarão o desejo de estudar bem a materia despido de prevenções, e sobre ella fazer a minha these. Ardua empreza! Quanto mais estudava, mais conhecia eu a difficuldade em desempenhul-a. Achei, porém, que era fraqueza recuar; continuei com os meus exforços, e eis-aqui o fructo que d'elles pude colher.

Divide-se este trabalho em trez partes: trato, na primeira, do instincto da conservação individual, ou amor á vida; na segunda, de provar que o suicidio não é sempre o resultado de uma alienação; na terceira, emfim, que é um acto reprovavel.

Fiz o que pude, dei o que tinha, á nada mais sou obrigado. Leitor, conto com a vossa benevolencia; lembrando-vos este trecho de La Bruyère—

On doit beaucoup exiger de celui qui se fait auteur par un sujet de gain et d'intérêt; mais celui, qui va remplir un devoir, dont il ne peut s'exempter, est digne d'excuse dans les fautes qu'il pourra commettre.



PRIMEIRA PARTE.

INSTINCTO DE CONSERVAÇÃO INDIVIDUAL

OU

AMOR Á VIDA.

Quanto é doce existir! Quanta doçura
Em ti encerras, preciosa vida
Inda mesmo em momentos de amargura!

(A. P. S. CAUDAS.)



A no homem, entre outras, duas propriedades, ou duas leis naturaes, que a todos os animaes estendem a sua influencia: são estas o instincto da conservação propria ou individual e o instincto da reproducção ou da conservação da especie, dados e gravados no intimo de seus corações, por estas sublimes palavras do Omnipotente: *Crescite et multiplicamini*; porque não fosse um ermo a terra logo depois da magnifica obra da creação.

É pela grande força que tem estas duas leis reunidas, que, apesar da cruel voracidade do tempo, tem a geração humana e todas as gerações de animaes atravessado os seculos até os nossos dias, e continuarão a existir em quanto a Suprema Vontade não aprover extinguil-as: tanto se confundem e mutuamente se socorrem estas leis, que sem uma dellas, fôra insufficiente a outra para preencher aquelle fim. Deixemos porém a ultima que nos não deve occupar aqui, e fallemos sómente da primeira.

Crescite: eis a origem da conservação individual. E não se limitou o Arbitro Supremo do universo á impor-lhes esta lei, mas para logo deu-lhes meios proprios para desempenhal-a. É com o soccorro d'estes meios que elles a cumprem, ou procurando tudo que lhes é favoravel, ou buscando livrar-se dos perigos em que se achão, e dos inimigos que os acommettem, ora d'elles defendendo-se corajosamente, ora, desanimados, ou vencidos, fugindo-os com todas as forças.

Assim, para reparação das perdas do organismo, que é a primeira condição de conservação individual, deu-lhes as sensações da fome, da sede, da necessidade de respirar, da necessidade de repouso, &c.; deu-lhes a faculdade de distinguir as substancias necessarias para alimentação das que lhes serão nocivas; deu-lhes órgãos proprios para as apprehender, ingerir, digerir, absorver, e levar á torrente circulatória; deu-lhes órgãos proprios para receber e pôr em presença do sangue venoso o ar atmospherico que o ha de vivificar cedendo-lhe o seu oxygeno, e dando-lhe ou restituindo-lhe as qualidades necessarias, indispensaveis, afim de poder servir para a nutrição, &c: cousas todas estas, sem as quaes em poucos momentos esgotarião elles a porção de vida que lhes houvesse cabido.

Para sua defeza deu-lhes armas tambem adequadas, bem differentes sim, segundo as especies, porém mais ou menos equivalentes em seu resultado commum—a conservação individual: ao leão, ao tigre, e á outros muitos deu as sangrentas garras, que, além de lhes servirem para acommetter e despedaçar a presa que lhes fornece pasto, servem-lhes tambem para defenderem-se de seus inimigos; ao lobo, ao cão, mais á outros deu as aguçadas presas, que tem os mesmos usos das garras do rei dos animaes; ao elephante deu a destruidora tromba para defender-se, a quasi insensibilidade e invulnerabilidade da pelle afim de neutralizar a acção dos agentes offensivos; ao touro as agudas pontas; á raposa a astucia para enganar seus offensores e desvia-los; ao veado, á lebre, ao rato, &c., a timidez e a ligeireza para fugir dos seus. É assim por diante. Ao homem, porém, deu cousa mais poderosa, e mais nobre, posto que bem fraças sejam as armas physicas de que é dotado seu organismo: deu-lhe a *razão* e a *liberdade*, pelas quaes elle planeja e executa os melhores meios de defeza: e quantas vezes, ai! não abusa delles o homem para fazer mal á seus semelhantes!

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deu-lhe dedos ligeiros,

Que podem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros;
Que tecem fortes laços
E forjão raios com que aos brutos cortão
Os vóos, mais os passos.

(T. A. GONZAGA.)

A risca seguem todos os animaes esta lei da propria conservação, bem como todas as outras que lhe forão impostas pelo Creador, instinctivamente, pois não tem consciencia do que fazem, nem do que fazer devem (*). Mas o homem, que, além da sensibilidade que com elles possui de commum, é dotado de *razão* e de *liberdade moral*, conhece todas as leis que lhe forão dadas pelo Supremo Author de todas as cousas, conhece que as deve cumprir, e cumpre-as, ou não, quasi sempre conscienciosamente.

Nos animaes, por tanto, nada mais ha, do que o instincto de conservação: no homem ha mais alguma cousa do que esse instincto que n'elle é muito obscuro: ha um verdadeiro *amor á vida*. Vivem os animaes, porque não podem deixar de viver; procurão o que lhes é favoravel, defendem-se do que lhes é nocivo, porque não podem deixar de o fazer; mas não sabem que vivem, nem que devem conservar-se, não sabem finalmente o que é vida, nem o que é morte: o homem, porém, tem conhecimento da vida, tem idéa da morte, sabe que vive, que deve conservar-se e conserva-se, ou não, ás vezes com consciencia. Os animaes não sabem que podem deixar de viver quando lhes aprouver, se é que o podem; o homem sabe que póde, e duvida ás vezes se deve. De tudo isto resulta que muito differente do dos animaes deve ser o modo de viver, ou de conservação individual do homem, em relação com os objectos que o circumdão.

E de feito, é o homem, d'entre todos os seres organisados que povoão a vastissima superficie do globo terrestre, o que mais variados, mais impor-

(*) Peut-être objectera-t-on en faveur de la reflexion des animaux, les penchans de certains d'entr'eux à vivre en société, leurs amitiés reciproques, et celles qu'ils temoignent à l'homme; la possibilité d'adoucir leur naturel, et de les faire vivre avec leur proie, sans qu'elle court aucun danger; les ruses qu'ils déploient pour s'en emparer.....

Tout cela marque sans doute un certain degré d'intelligence; et ce n'est pas pour rien que les cerveaux des oiseaux, et des mamifères sont pourvus d'hemisphères. Mais cette intelligence n'a rien de comparable à celle de l'homme; et je défie les gens, qui croient se donner de l'importance en contredisant les autres, de citer un seul fait qui décèle chez ces animaux le caractère que nous avons assigné à l'homme, le besoin de s'observer lui même, de contempler la nature, et de se rendre raison de ce qui se passe autour de lui.

(BROUSSAIS.)

tantes, e mais difficeis papeis representa no scenario da vida; e por isso nenhum mais, e nem ainda tanto lhe attrahe a attenção como elle mesmo. D'ahi essa celebre maxima, que, inscripta no frontispicio do famigerado templo de Delphos, consagrado ao fabuloso Apollo, repercutiu em todas as partes do mundo civilisado—*conhece-te a ti mesmo*—

. oh Deos, que missão tens confiado
A este fraco ser, que sobre a terra
Entre os mais seres como um Rei se ostentá,
E, unico para ti erguendo os olhos,
Parece teu rival? Missão augusta
É sem duvida a sua, e o seu destino
Não é o d'alimaria! . . . A Natureza
Obedece a seu mando, como s'elle,
Orgão fosse das leis da Providencia.

(MAGALHÃES.)

O homem é o mais proprio para viver em sociedade *legalmente* constituída; porque é o unico que goza da faculdade de exprimir claramente á seus semelhantes os variados sentimentos, as paixões multiplicadas que o agitam, as idéas que lhe peção a mente, e de transmittir os conhecimentos que houver adquirido, já de outros, já da propria observação e experiencia, por meio da palavra: essa linguagem articulada, que só á elle pertence, de infinitos modos variada ou combinada, segundo as mui differentes circumstancias de sua vida. É verdade que muitos animaes, por exemplo, os castores, as abelhas, as formigas, os macacos, os elephantes, os papagaios, os grou, os corvos, &c. andão aos bandos, ou vivem em sociedade, onde parece governarem os mais velhos; que alguns, quando vão á pilhagem, posião sentinellas, as quaes por um grito informe avisão á seus companheiros dos perigos que os ameação; que os macacos, por exemplo, infligem penas corporeas á aquella que por acaso se tenha descuidado do aviso, &c.; mas quanto não distão estas sociedades da *legalmente* constituids em que vive o homem?

É este o unico que quer e emprehende penetrar o segredo da criação, as leis que regem o universo, os phenomenos naturaes, os porquês de todas as cousas que lhe poderão fazer impressão, e chamar a attenção, resolver, em summa, e não poucas vezes com proveito, os mais intrincados e difficeis problemas da natureza.

É elle o unico que procura tirar proveito de tudo quanto o arroteia. Fôrça por artificios um terreno grosseiro a produzir vegetaes proprios para sua nu-

trição; outros que lhe recreiem a vista e o olfacto, distrahindo-o dos negros cuidados que lhe empecem o caminho da vida; outros, emfim, que lhe são fornecer os mais saborosos fructos para lisongear seu paladar e saciar sua gula. Domestica animaes bravios e dotados de muito maior força physica do que a sua, e os obriga a prestar-lhes variados serviços, maltratando-os com deshumana severidade: julga-se com direito de dispôr, e muitas vezes dispõe da vida de todos elles á seu bel-prazer, não só para saciar sua fome, no que é desculpavel, por ser isto uma necessidade imposta pela natureza; não só para experiencias physiologicas, pathologicas e therapeuticas, d'onde para si possa tirar proveitosas applicações, o que sem duvida já é grande egoismo, e crueldade; mas até por barbaro divertimento! como si só elle tivesse direito á vida! E talvez até que por sêde de sangue, que em seus semelhantes não é tão facil, nem tão licito saciar.

O que em vós é um thesouro
Nos outros perde o valor?
Destro-se o jus do opprimido
Pela força do oppressor?

(BOGAGE.)

E dos diversos outros corpos da Natureza fabrica para si utensis indispensaveis, ou objectos de luxo para nutrir sua vaidade. É elle o unico que á cada momento crea para si novos prazeres á vontade; é tambem o unico que muitas vezes sacrifica o prazer da satisfação de suas necessidades actuaes por um bem futuro: é assim que, volvendo para si proprio suas vistas, e conhecendo sua mesquinha condição, sua nullidade ao surgir na aurora da vida, animado porém por uma esperança lisongeira,

Avec le nautonnier elle vogue sur l'onde,
Veille dans les comptoirs, guide les bataillons,
Sourit au labourer courbé sur ses sillons,
Du savant matinal voit grossir le volume,
Et tient le soc, la rame, et l'épée, et la plume.

(DELILLE.)

alentado, digo, por esta fagueira esperança que tanto o prende a vida, ainda mesmo desditosa, e que o guia em todos os seus passos, elle, já nas artes, já nas letras, já nas sciencias, sujeitando-se ás mais duras privações, com detrimento embora do seu physico, adquire a estima, e a admiração de seus semelhantes, e conquista um nome glorioso e immortal, que deixa por

herança á reus descendentes, e á sua patria, que quasi sempre bem mal o recompensa.

É o homem, finalmente, o unico que tem deveres á desempenhar para comsigo, para com seus semelhantes e para com seu Divino Creador; porque é tambem elle o unico dotado de *razão e liberdade moral*; faculdades, de que havemos já fallado, intimamente ligadas entre si, das quaes depende toda sua superioridade sobre os brutos, que, por isso que não as possuem, nenhuma responsabilidade tem por seus actos, que são sempre praticados como lhes dita a voz do imperioso instincto, e sempre o que devem de ser, nada mais, nada menos.

Pela primeira dessas faculdades, chega o homem ao conhecimento do bem e do mal e de todas as cousas; pela segunda pode elle escolher o praticar ou deixar de praticar um acto, depois de haver pesado os motivos que de um, e outro lado se apresentão. É na existencia de ambas ellas que se baseão as regras de procedimento ou os *deveres*, de cuja infracção resulta-lhe a applicação de uma pena mais ou menos adequada á natureza e intensidade do crime. Sem ellas, fôra isso impossivel, fôra um absurdo. São essas duas faculdades, que ao homem fornecem todos os meios de, com seus semelhantes, concorrer para a perfectibilidade de que é susceptivel a sua especie; entretanto que, por falta d'ellas, são os brutos condemnados á se conservarem estacionarios. O homem tem sempre novos projectos á executar; o bruto, satisfeitas as suas necessidades naturaes, nada mais deseja.

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadora a leve palha,
E o seu carnoso coração encalha
No circulo acanhado,
Que a fome lhe traçou: tal é a sorte
Do animal, seja fraco, ou seja forte.

O infinito, ó idéa soberana!
Eis o termo anhelado
Que só pode fartar a mente humana.
O' Deus! ó Providencia! assim gravado
Teu nome sublimado
Em letra mais que o bronze duradôra
No intimo de nós altivo mora.

(CALDAS.)

É verdade que si tal é a primazia que sobre os animaes achamos no ho-

mem, tomado por inteiro, não acontece o mesmo si com aquelles o comparamos sob alguns pontos de vista parciaes. Então somos forçados a reconhecer que, além de muitas cousas haver entre um e outros de commum, que parcialmente os igualão, como a necessidade de alimentação, e de repouso das fadigas diurnas, outras ha em que excedem os ultimos ao primeiro. Elle tem a vista menos penetrante que a da aguia, o ouvido menos delicado que o da lebre, o olfacto menos desenvolvido que o do cão, as forças physicas menores que as do leão; mas com tudo, são de tão pouco vulto estas superioridades parciaes, que nenhuma sombra lhe podem fazer, que ao contrario fazem sobresahir a superioridade do homem, e muito deixão para que com razão se possa elle dizer a obra prima das cousas creadas visiveis.

Emmudecei, profanos; affastai-vos.

Ministro do Deus summo,

Que os ceos, que as terras c'um aceno rege,

Direi cousas mais altas

Que descrida não pensa a iniquidade. . .

(F. MANOEL.)

E nem de outra sorte poderia acontecer; porque mais se esmerou o Supremo Author do Universo com a sua criação que com a de tudo o mais. Tudo creou Deus só com a sua palavra omnipotente; porém chegando ao homem, depois de lhe haver formado um corpo de barro, infundio-lhe um sôpro divino, dando-lhe assim porção do seu Ser

. os entes todos

No mortal pensador seu rei conhecem;

Traslado é do Senhor e imagem sua;

.

Ethereo sôpro a machina dirige;

.

Profusido uma vez eterno existe;

Pensa, prevê, recorda-se, reflecte;

N'um ponto sóbe aos ceos, desce n'um ponto:

Cogitação perenne essencia é sua:

Imperceptivel laço ao corpo o prende.

(J. A. MACEDO.)

É pois o homem a resultante da mysteriosa reunião de duas substancias muito distinctas,—corpo e alma—: o corpo, organizado de materia, caduco e morredouro como ella, e como tudo que d'ella é feito, assemelha-o com o

animal; a alma, emanação divina, immaterial, immortal, aproxima-o da Divindade.

Que tes temples, Seigneur, sont étroits pour mon âme!

Tombez, murs impuissans, tombez!

Laissez-moi voir ce ciel que vous me dérobez!

Architècte divin, tes dômes sont de flamme!

.....
Je ne suis rien, Seigneur, mais ta soif me devore;

L'homme est néant, mon Dieu; mais ce néant l'adore.

(LAMARTINE.)

« Confesso, diz Buffon, que, si sómente devessemos julgar pela forma, poderia a especie do macaco ser tomada por uma variedade na especie humana: não quiz o Creador fazer para o corpo do homem um modelo absolutamente diverso do do animal; comprehendeu sua forma, como a de todos os animaes, em um plano geral: mas ao mesmo tempo que deu-lhe esta forma material semelhante á do macaco penetrou este corpo animal com seu sôpro divino. Se o mesmo favor houvesse elle feito, já não digo aos macacos, porém á mais vil especie, ao animal que mais mal organizado nos parece, ter-se-hia logo esta especie tornado a rival do homem; vivificada pelo espirito, ella teria primado sobre as outras, teria pensado, teria fallado. Por mais semelhança, pois, que haja entre o Hottentote e o macaco, immenso é o intervallo que os separa; pois que no interior aquelle é cheio pelo pensamento, e no exterior pela palavra. »

Tem pois o homem muita superioridade sobre os animaes, e toda ella resulta não tanto de ser sua organização mais perfeita e completa que a de todos os outros, como e muito principalmente dessa substancia simples, espirital, que nelle sómente existe, e da qual essencialmente depende a existencia de suas faculdades intellectuaes e moraes; por isso, com razão, para o genero a que elle pertence, e que até então se achava comprehendido no reino animal, fez um celebre Physiologista moderno, Blainville, um quarto reino com a denominação de *anthropologico*.

Só elle, por tanto, tem idéa clara da vida, e da morte, só elle se acha em condições de poder bem apreciar aquella sublime dádiva do Creador. E de feito, quando o homem conserva ainda a integridade de sua essencia, nenhum sacrificio poupa para conserval-a. Nenhum tem mais desprazeres com que lutar no decurso da vida; e entretanto, transido de dores, acabrunhado de afflicções, victima das mais encarniçadas perseguições da sorte adversa,

ainda assim ama a vida; ainda procura todos os meios de afastar a causa de seus soffrimentos; e só depois de muito padecer, de muito gemer, de muito suspirar sem allivio, é que á seus males procura o extremo recurso da morte; recurso enganador que lhe é offerecido pela imaginação desvairada! E muitas vezes ainda depois de tomada esta resolução, elle hesita na perpetração do crime; e muitas outras, ainda depois de armar o braço suicida, este esmorece, sem que elle possa até explicar o como, e deixa cahir o mortifero instrumento: tanta é a força do instincto da propria conservação! tanto é o amor á vida!

És tu, fagueiro Nume,
És tu, gentil Esp'rança,
Que, ao não mimoseado da Fortuna
A' consolar baixando lá do Emyrio,
De auri-verdes matizes adornada,
És tu, és tu que meiga lhe ministras
Da paciencia o escudo,
Onde as agudas settas se despontão
Da terrivel desgraça.

(Do AUTOR.)

Mas, alfim, lá chega o fatal momento! Lá passa pela mente do homem uma nuvem que a envolve em trevas: elle constitue-se arbitro de sua propria vida, e a termina prematuramente, ou por que esta já lhe pareça destituida de encantos e de attractivos, ou por que, cheio de raiva, levado ao desespero, na falta da causa de seus soffrimentos, para n'ella saciar sua sêde de vingança, volta contra si proprio seu furor indomavel. Desgraçado! que fizeste?! Por que assim abusaste da tua liberdade, infringindo as leis divinas, quando, por seres o rei da criação, devias ser o mais escrupuloso em cumpril-as?!

É que, vivendo em sociedade, cedendo á preconceitos, o homem excede muitas vezes os limites do que lhe era indispensavel e lhe devia bastar para ser feliz n'este mundo, ou para não ser muito infeliz; crea para si muitas necessidades novas. E são justamente essas novas necessidades, que quasi tão imperiosamente como as naturaes exigem ser satisfeitas, são essas necessidades, digo, que mais lhe difficultão a conservação da vida; entretanto que quasi sempre do amor d'esta são ellas originadas.

« De tantas maneiras se transforma, diz Montesquieu, e por tão contrarios

principios obra o amor proprio, o amor de nossa conservação, que nos leva á sacrificar nosso ser pelo amor de nosso ser, e tal é o caso que de nós mesmos fazemos, que consentimos em cessar de viver, por um instincto natural e obscuro que faz com que mais nos amemos do que a nossa propria vida. »



SEGUNDA PARTE.

O SUICIDIO É SEMPRE RESULTADO DE ALIENAÇÃO MENTAL?

Pour conserver ce que nos efforts ont acquis, pour acquérir encore, gardons-nous de rien exagérer, et de vouloir agrandir, sans raison et sans mesure, le champ déjà si vaste des aberrations mentales. Pour être les serviteurs de la science, soyons toujours les organes de la vérité qui lui sert de base.

(ÉROC-DENAZY.)

DIFFICILIMO é resolver esta questão, visto a diversidade de opiniões das grandes notabilidades do mundo scientifico que d'esta materia se tem occupado. Procuraremos, porém, resolver-a até onde em nossas forças couber.

De um lado, quasi todos os medicos alienistas, entre os quaes se distinguem Esquirol, Foderé, Leuret, Bourdin, Moreau (de Tours), e outros tendem para a affirmativa, fundados em factos que se tem apresentado á sua observação. Bourdin se exprime mui positivamente: « Creio, diz elle, que o suicidio, encarado na serie completa de seu desenvolvimento, estudado em todas as suas condições de existencia, é de tal maneira assimilavel á monomania, que elle com ella faz uma só cousa; e me julgo authorisado a concluir finalmente que o suicidio nunca existe sem uma certa perturbação do espirito, e por consequinte que é sempre o symptoma de uma molestia. » Diz Moreau que instinctivamente tanto mais se pende para a affirmativa, quanto mais profundo estudo se tem feito da loucura. Leuret o julga symptoma de uma *lesão corporal*, ou de uma molestia, &c. De outro lado, Philosophos e Moralistas, com seus perigosos louvores, ou com suas exacer-

badas arguições ás victimas da morte voluntaria, parecem responder o contrario. Outros, porém, menos exagerados, entre os quaes se nota Etoc-Demazy, Br. de Boismont, Belhomme, e outros não menos famosos, collocão-se em um termo medio, dizendo que não duvidão—que estão até convencidos de que pela mór parte aquelles que abreviã o termo da propria vida, estejão fóra do uso da razão; porém que tambem julgão fóra de duvida que alguns outros o ponhão em pratica ainda no gozo da razão, e da liberdade moral, mais ou menos limitada, conforme as circumstancias: e tambem o pensar d'estes é filho da observação; é uma consequencia deduzida de factos bem apreciados, e não um juizo *à priori*. É esta ultima a opinião que abraçamos, por ser a que mais razoavel nos parece, ou antes a unica verdadeira.

Posto que mui bem sabido seja vulgarmente o que se deve entender por suicidio, julgamos comtudo não ser fóra de propósito precisarmos bem o sentido d'esta palavra, para podermos marchar em regra e sem tropeços em nossas indagações, por estarem discordes em sua intelligencia os authores; e é principalmente d'isto que nos parece depender a diversidade de opiniões sobre o estado mental do individuo. « Si ha n'este mundo, diz Discuret, tanta confusão nas cousas, é porque muita se deixa nas palavras. »

« Todas essas victimas da ignorancia, diz Esquirol, dos erros religiosos, ou da politica não forão certamente suicidas; cedião todas ellas á crenças, á usos, á preconceitos e habitos, que mais fortes são muitas vezes, do que o proprio instincto da conservação. » A nosso ver, ha n'isto confusão de idéas ou de argumentação. Que n'esses individuos dá-se o suicidio não ha duvida alguma; o que, porém, se póde pôr em duvida é si n'elles deve este acto ser considerado um crime. Isto já é outra questão.

« O character essencial do suicidio, diz Étoc-Demazy, é, a meu ver, a intervenção da vontade, mais ou menos poderosa, mais ou menos esclarecida, na acção de se dar a morte. »

« Ha suicidio, diz Bourdin, quando o *doente* tem consciencia de sua acção; e esta acção é o resultado funesto da vontade. » Arguido por Et.-Dem., por haver feito entrar em sua definição a palavra *doente*, ali empregada como synonymo de louco, quando seu fim era demonstrar que o suicidio é sempre uma molestia, respondeu que essa definição era uma consequencia de suas investigações. Continuando, diz o mesmo autor—que só considera suicidas aquelles que obrão com intenção formal e exclusiva de terminar a vida; que como taes não póde considerar algumas santas mulheres que se matarão para salvar sua castidade, ou sua honra e sua fé; esses membros da convenção

nacional, e essas almas ternas e apaixonadas, que, sentindo o nada em derredor de si, reclamão ardentemente outra patria. Assim, esses miseros escravos Africanos, entre nós, que se matão com o fito de resurgir em sua patria, não serão tambem suicidas; porque não obrão com intenção formal e exclusiva de acabar com a vida. A nosso ver, porém, todos esses são suicidas: em tudo isso nada mais vemos, do que variedades de circunstancias, em que pôde ter lugar esse acto, e que sem duvida devem tambem dar-lhe mui diverso valor moral. E como poderemos nós deixar de consideral-os taes, sendo sua morte voluntaria, sendo resolvida antes de executada? Havendo intervenção da consciencia ou da vontade, ha certamente suicidio; assim como sem ellas o não concedemos. N'este ultimo caso achar-se-hia aquelle que, julgando valer-se de um copo de agua, lançasse mão de um copo de veneno que lhe dêsse a morte, onde elle esperava encontrar com que saciar sua sêde, para manutenção da vida. Ainda n'este caso achar-se-hia uma criança que com seus brincos imprudentes á borda de um precipicio, involuntariamente se despedaçasse.

Definimos, por tanto, o suicidio—o acto pelo qual o individuo dá conscienciosa ou voluntariamente a morte a si proprio.

Autores ha, que com a palavra suicidio designão o acto de se dar a morte, e a especie de perversão mental que muitas vezes lhe dá origem; nós, porém, empregal-a-hemos sempre no sentido de nossa definição.

Agora, quanto mais se reflectir na quasi impossibilidade que ás vezes ha em distinguir um crime de um acto de lourura, tanto mais conhecer-se-ha a difficuldade em que nos achamos de avaliar o estado mental do suicida. A loucura é um escolho no oceano da vida, no qual pôde naufragar a mesma razão que se propõe a comprehendel-a.

Os alienados tambem pensão, tambem associão idéas, tambem raciocinão, tambem tem vontade, bem que n'elles estejam pervertidas estas faculdades: estabelecendo principios absurdos, sobre elles raciocinão com exactidão, ainda que sejam erroneas as suas consequencias pela natureza dos principios. Alguns ha que a muitos parecem homens sensatos, principalmente porque, conscios e envergonhados do seu estado, occultão-n'o cautelosamente. Outros, porém, quasi nunca negão ou disfarção os actos que commettem, e tambem raras vezes mostrão pezar do que fazem, procurando sempre justificar-se.

« Os hospicios dos alienados, diz Pinel, nunca deixão de offerecer algum exemplo de certa *mania* notavel por actos de extravagancia ou até de furor,

com uma sorte de juízo conservado em toda sua integridade, a julgarmos pelos actos do individuo : o alienado dá as mais adequadas, as mais precisas (e ás vezes muito subteis) respostas ás questões dos curiosos : nenhuma incoherencia se percebe em suas idéas ; elle faz leituras, escreve cartas como si seu entendimento estivesse perfeitamente são : e entretanto, por contraste singular, põe em pedaços seus vestidos, rasga algumas vezes suas coberturas, ou arranca a palha de seu colção, e inventa sempre alguma razão plausivel para justificar seus desvarios e transportes. Tão pouco rara é esta especie de mania, que dá-se-lhe o nome vulgar de *folie raisonnante*. » Entretanto elles não tem liberdade moral ; porque sendo esta intimamente ligada com a razão, e sendo tanto mais extensa quanto mais esclarecida fôr a razão, extinta ou pervertida esta, deixa aquella de existir. Si elles raciocinão exactamente, como dissemos, comtudo de tal modo pervertida é a sua intelligencia, que os faz encarar as cousas por um prisma, que d'ellas dá-lhe idéas bem diversas da realidade. Outras vezes ha uma transformação do instincto, ou irresistibilidade tal, que, ainda tendo consciencia de que uma acção é má, elles são á seu pezar levados a pratical-a. Sirva-nos de exemplo esse miserrimo João Glenadel, (*) a quem foi precisa muita coragem, muitos esforços, para poder resistir á essa perniciosa idéa, a principio, de matar sua propria mãe, depois sua cunhada ; pessoas a quem elle muito prezava ; e que, a final, viu-se forçado a recorrer á força de autoridades policiaes para o privarem de tão hediondo crime.

N'uma casa de alienados encontra-se desde a falta completa do desenvolvimento das faculdades intellectuaes, e effectivas, até a mais exaltada e desordenada intelligencia.

Deixemos, porém, de parte os *idiotas*, os *imbeces*, os *maniacos*, os *estupidos*, e os *dementes* que a povôão, e occupemo-nos sómente dos *monomaniacos*.

O delirio do *monomaniaco* é parcial, limitado a uma idéa, ou a pequeno numero de idéas fixas, dominantes, exclusivas. Sua intelligencia pôde ser penetrante ; seu raciocinio é as mais das vezes muito são sobre qualquer outro objecto. É a *monomania*, que maior numero de suicidas offerece. O delirio do *monomaniaco* pôde ser tendente ao roubo, ao homicidio, ao incendio, ao suicidio : d'ahi as especies—*monomania homicida*, *pyromania*, *monomania suicida*, &c.

(*) Baillarger—Annaes medico-psychologicos, t. VIII, art. Monomania.

Todas estas especies podem conduzir ao suicidio, porém com especialidade a ultima. A desordem da intelligencia é as vezes limitada á idéa de suicidar-se; outras vezes, porém, pôde versar sobre mais algumas. Quando o individuo pensa ou raciocina sobre outro qualquer objecto, pôde exercer bem estas funcções; pôde entreter longas conversações, jogos, &c; só n'essas idéas mostra elle desarranjo: entretanto de tal modo ás vezes o preoccupão ellas, que elle é incapaz de se entregar a occupações serias e aturadas. Elle tem erro de sensações, *illusões*, e *allucinações*: « Um monomaniaco, diz Esquiro, ouve uma voz interior que lhe repete: *Mata-te, mata-te*; elle se mata para obedecer a uma potencia superior, á cuja voz se não pôde subtrahir. » Bem conhecida é a historia d'esse misero Mathieu Lovat, que, dominado por idéas mysticas, coròu-se de espinhos e crucificou-se, sem ajuda de outro qualquer; e tudo isso fez elle persuadido de que Deos lhe ordenava que se crucificasse. Estes exemplos e muitissimos outros que, pelo pouco espaço, deixamos de citar, são evidentemente de pessoas alienadas. Não resta, por tanto duvida alguma de que muitos suicidas, e até a mór parte d'elles, sejam alienados; mas não podemos admittir que o sejam todos.

Ha, sem duvida, incontestavel e mui grande analogia entre as causas da loucura e as do suicidio; mas d'ahi não se deve logo tirar a conclusão de que este só se dê como resultado d'aquella; porque bem sabemos nós que muitas vezes as mesmas causas dão origem á molestias differentes. De todas essas causas, as que com mais energia, e mais frequentemente dão aquelles resultados, são as paixões; essas tyrannas d'alma, as quaes, quando desenfreadas, obrigão muitas vezes o homem a perder o ser de humano, e outras muitas a tornar-se inferior aos mesmos brutos. Mas as paixões, para produzirem o suicidio, não precisão sempre de produzir primeiro a loucura.

O *amor*, esse nobre sentimento que se basea no instincto da reprodução, essa paixão soberana que tem debaixo do seu imperio tudo que respira; — o *ciúme*, este companheiro inseparavel do amor, esse filho, ora humilde, ora colerico, do amor que se julga trahido; — a *ambição*, essa paixão pela qual o individuo nunca se satisfaz com o que é, nem com o que possui; essa sêde insaciavel de riquezas, de honras, de poder e de gloria; essa tyranna que escarnece do homem, seu escravo, nunca deixando-o encontrar a felicidade, este idolo de todos os seus pensamentos, de todos os seus sonhos; — a *avareza*, esse desejo insaciavel de accumular riquezas; essa timida filha do amor proprio tão contradictoria em seus resultados; porque aquelle, que é por ella dominado, amontôa, como diz Massillon, sómente por amontoar,

negando até á si proprio o indispensavel para a satisfação de suas necessidades;—a *colera*, essa paixão desordenada que é capaz de escravisar o homem a ponto de fazel-o commetter as acções mais reprehensiveis, &c.: podem produzir a loucura; mas podem tambem ser causa do suicidio sem produzir a loucura e sem extinguir a liberdade moral.

Um capitalista, por ex., afoutando-se a confiar ao seio dos mares grande parte de suas riquezas, sabe que o fraco lenho que as conduzia fôra em tal ponto engulido pelas encapelladas ondas, que raivosas se debatião contra o tempestuoso Eolo: ou que, impellido contra arenosas syrtes, se fizera em pedaços, despejando nos abysmos tudo quanto em seu bojo encerrava.—Quer porque já não possa fazer tão brilhante figura, como até então, quer porque tenha de se ver a braços com a hedionda miseria, póde esse capitalista soffrer tal abalo, que córte o fio da própria vida, ou perca a razão.

Um extremo e terno amante, a quem o *sim* de uma donzella, prendada de belleza e de virtude, faria o mais venturoso dos mortaes, é por ella ouvido com indifferença; em troca do suas ferventes expressões amorosas, recebe um gelado *não*. Outro vê, quando menos esperava, ser-lhe roubada aquella, por cuja posse elle se julgava no apogeo da felicidade. Ambos elles podem-se tornar alienados; mas podem tambem, sem isso, procurar occultar sua vergonha, suas magoas no frio jazigo dos mortos. No anno de 184... foi recolhido ao Hospital da Misericordia do Rio de Janeiro um joven, que, por não ser correspondido em seu amor, tentou suicidar-se, disparando por baixo do lado esquerdo da maxilla uma arma, que fez grande estrago n'esse lado da face. Como praticante, coube-nos esse doente; todos os dias lhe renovavamos o curativo; sempre conversavamos, até sobre o seu funesto acontecimento, e nunca lhe descobrimos symptoma de loucura. Sahiu curado, e sem intenção, segundo disse, de repetir o acto.

O temor, o susto, e medo podem tambem conduzir ao suicidio sem ser necessario produzir primeiro a loucura. Quantas vezes não se tem visto escravos, entre nós, atemorizados por promessas de castigo ou por cousa equivalente, terminar voluntariamente a vida por qualquer meio á seu alcance? Ha poucos mezes, n'esta cidade, um molecote de 18 annos, pouco mais ou menos, nos forneceu ainda um exemplo d'estes. Em certa officina, onde elle era aprendiz, sumiu-se um papel de dous mil réis; o mestre promete punil-o, e queixar-se ao senhor (sem saber da realidade) de que elle lh'os havia furtado. Atemorizado com esta ameaça o rapaz suicidou-se. Só o vimos depois de morto; porém o proprio senhor, e muitos outros que o conhecerão, nos

asseverarão que elle era de character alegre, e que nunca lhe havião descoberto indicios de alienação mental.

Por tanto, o individuo que é atacado de uma paixão pôde perder a razão; mas pôde tambem ficar ainda nas raias da physiologia: n'um e n'outro caso pôde suicidar-se; mas na primeira hypothese suicida-se um louco, na segunda um apaixonado. Um louco e um apaixonado serão sempre uma e a mesma cousa? As paixões são, como dissemos, muito poderosas causas de loucura; mas não são a propria loucura; estreitão consideravelmente o circulo da liberdade, e tanto mais, quanto mais fortes forem; ficando então esta muito circumscripta, muito limitada; porém nem sempre aniquilada: pôde ainda o individuo escolher a acção que deve praticar; e então, si n'essa renhida lucta interior triumphá de si proprio, dando preferencia á melhor, ainda mais digno se torna de louvor.

Busquemos, porém, mais factos, que nos apoiem; recorramos aos factos pois, como diz Moreau, esta questão é só de factos, e só por elles pôde ser decidida, e não com raciocinios á priori, nem por inducções arriscadas. Seção, porém, estes factos examinados com minucioso cuidado, e fecundados com raciocinios escrupulosos, para terem o devido valor, e nos não levarem a resultados illusorios.

Tal é o exemplo do celebre Codro, ultimo principe do reino de Athenas, que em uma guerra entre os Athenienses e os Heraclidas, ouvindo ao Oraculo que seria victorioso aquelle povo, cujo rei morresse primeiro em combate, não duvidou ir procurar a morte no campo inimigo. Dir-se-ha neste caso que Codro estava louco, estava monomaniaco? Elle que sacrificou-se pelo poderoso motivo de salvar seu povo, depois de haver com mais ou menos calma deliberado? Não o cremos, nem pensamos, que pessoa alguma como tal o considere. «Preferio o peor,» dirá alguém. Concedo; mas *quid inde?* Pois só escolhem o peor os loucos? Quantas vezes, depois de muito deliberar, não prefere o homem muito em seu juizo o peor, que elle já tarde, já sem remedio, conhece como tal?

Lucrecia que suicidou-se para não sobre-viver á sua honra, manchada pelo tyranno e monstruoso Tarquinio, com vistas de reparal-a, se ainda possível era; Catão que, vendo perdida a liberdade de sua patria, possuido de extremoso orgulho, depois de haver lido os dialogos de Platão sobre a immortalidade d'alma, suicidou-se, não tanto para não sobre-viver a sua derrota, como para subtrahir-se á clemencia de Cesar; M. Bruto, e Cassio, que, vencidos nos campos de Philipps, traspassarão-se com suas espadas, para não

sobre-viverem á liberdade de Roma; Antonio, esse ambicioso, esse tyranno devasso que se matou, vencido pelas phalanges de Octavio, e abandonado por Cleopatra; Mithridates, esse celebre rei do Ponto, que fez tremer a republica romana, e que trahido até pelos proprios filhos, recorreu á sua espada: todos estes individuos, e muitos outros que se matarão em circumstancias semelhantes, á meu vêr, não estão alienados, não erão monomaniacos. Todos elles tinham motivo poderoso de acção: collocarão de um lado a vida e a deshonra ou a desgraça; do outro, a morte findando-as, ou recuperando, á seu vêr, a honra e a felicidade; deliberarão com mais ou menos calma, e escolherão a morte: terminarão a vida com consciencia e vontade, por um motivo real; entretanto que o alienado ou se mata automaticamente, e sem causa, ou com a consciencia e vontade, porém, victima de allucinações, victima de illusões, quasi sempre por um motivo falso. Muitos ouvem uma voz que lhe ordena a morte de qualquer modo, e se matão para obedecer-lhe; mas essa voz não existe realmente, é um parto de sua imaginação ou de sua sensibilidade pervertida.

Mas em todos esses casos, direis ainda vós, si não se dá a loucura, pôde dar-se ao menos o desespero. Quid inde? O desespero é a mesma loucura? « O desespero, diz Lelut, participa ao mesmo tempo da colera e do temor, porém mais deste ultimo sentimento: é o temor do futuro, como o medo é o temor do presente. » Os loucos tambem tem paixões; uns, por exemplo, são colericos, outros ciumentos, outros ambiciosos, outros timoratos, outros avarentos, &c., e, como aos sãos, essas paixões os podem levar ao desespero; mas essas paixões n'elles assentão sobre bases falsas, nos sãos sobre bases reaes.

« A unica, diz Étoc-Demazy, ou pelo menos a principal differença, que ha entre o desespero da razão e o da loucura, é que o primeiro reconhece uma causa real, tirada no mundo exterior; entretanto que, no segundo, esta causa, que outr'ora pôde ter este character, o ha depois perdido, e não reside mais sinão nas percepções espontaneas e sem objecto do maniaco. »

Mas vamos á outro caso que ainda mais cabalmente demonstra o que queremos.

Dous pedreiros ficão suspensos a um andaime que vacilla sob os seus pés, e que a ambos daria a morte si ambos n'elle ficassem. Exclama um d'elles então: « Minha cara mulher! meus pobres filhos! ficaes hoje ao desamparo! » « É verdade, diz o outro, tu és casado, tua vida é mais util que a minha; roga á Deus por mim; » e se deixa cair.

Este pedreiro estava alienado? A' muitos tenho eu já ouvido dizer, quando se achão em apuros: «O certo é que sem um motivo, em estado de calma, ninguém se suicida; é sempre por um motivo que o obriga.» Assim dirá alguem agora: Si esse pedreiro não se visse em taes circumstancias, não suicidar-se-hia. Os motivos, responderemos nós, atenuão sem duvida a liberdade moral, na razão directa de seu peso ou importancia; mas tambem sem motivos não ha liberdade, ou ella não se põe em exercicio. *Liberdade absoluta*, liberdade não baseada em motivos não pertence ao homem; pois tal liberdade, seria, sem duvida, contradictoria. Para pôr em exercicio a liberdade o homem precisa de ter motivos de acção, para pesal-os, deliberar, e escolher o que convier fazer; obrar sem motivos, ou sem conhecimento d'elles, seria obrar automaticamente, isto é sem liberdade.

Sem duvida reconhecem motivos todas as acções da vida de relação do homem, e mesmo muitas d'aquellas que podem pertencer tanto á essa, como á vida de nutrição. O homem ingere alimentos por um motivo, isto é, para nutrição e conservação de seu organismo; e este acto não está até certo ponto n'elle sujeito a vontade? embora elle conheça sua necessidade, pôde com tudo deixar de satisfazer-a. O homem conhece que lhe é necessario o acio para a conservação da saúde, conhece que deve ser moderado a certos respeito, para o mesmo fim; mas pôde deixar de dar importancia á esses motivos, como fazem muitos, pôde deixar de aciar-se, pôde exceder-se em muitas cousas.

A verdadeira liberdade, como diz Spurzheim, é fundada sobre tres condições: 1.^a a pluralidade dos desejos, o que constitue os motivos; 2.^a a intelligencia ou faculdade de conhecer os motivos, e de escolher entre elles: quanto mais activa é a intelligencia, maior é a liberdade; 3.^a a influencia da vontade sobre os instrumentos, mediante os quaes obrão os motivos.

Mas estes motivos podem ter existencia real, ou ser ficticios, imaginarios; e é isto o que deve essencialmente distinguir o louco do racional, em acções de importancia. Raciocinar ao contrario disto é um absurdo, e é, além disso, abalar os mais sãos principios, os mais firmes alicerces da moral; é, em summa, deitar por terra a sociedade.

« O criminoso, diz Esquirol, tem sempre um motivo; o assassinato não é para elle sinão um meio de satisfazer uma paixão mais ou menos criminosa. Na monomania homicida tem lugar o contrario. » Si os motivos tirão a liberdade do homem para commetter o suicidio, não faltará logo quem conclua que tambem quem commette o homicidio está privado da liberdade, por

isso que esse acto reconhece um motivo, e que por conseguinte elle não é criminoso. E não é isto proteger o crime, desmoronar a sociedade?

« A liberdade, diz Lélut, bem como a razão, é uma cousa real, mas limitada, incerta e fluctuante, segundo uma multidão de motivos diversos de determinação. . . O homem é um ente essencial e espontaneamente activo, porém que não se determina á obrar senão por motivos; e uma acção não motivada, ou motivada sómente sobre o desejo de provar seu livre arbitrio, não seria uma prova de liberdade illimitada, ou de razão omnipotente, mas seria mui simplesmente, como diz Locke, um signal de loucura. »

As paixões, pois, comquanto atenuem, e muitas vezes até extinguão a *liberdade moral*, servem muitas outras vezes para provar que o suicida tem ainda uso dessa faculdade.

Ha, portanto, muitos casos em que o individuo suicida-se ainda no gozo de sua liberdade moral.



TERCEIRA PARTE.

QUAL É O VALOR MORAL DO SUICIDIO ?

La vertu ne rompt son chemin, ny son train, pour ora
ge qu'il fasse. (MONTAIGNE.)

Les suicides sont toujours communs chez les peuples
corrompus. (CHATELAIN.)



IS uma questão, sinão mais, ao menos tão difficil, como a prece-
dente. « Aquelle, diz Spurzheim, que puder convencer os homens
da difficuldade de julgar os outros com exactidão, fará um grande
serviço á humanidade, e contribuirá infinitamente para a felicidade da so-
ciedade. » Já que vimos, porém, que muitos individuos commettem o suici-
dio ainda no gozo de sua liberdade, seja-nos permitido alguma cousa dizer
sobre o seu valor moral n'estes casos.

Assim como consiste a coragem physica em arrostar com impavidez os
perigos, assim a coragem moral se avalia pelo maior ou menor imperio do
homem sobre seus soffrimentos moraes. Aquelle que bem se compenetrar
de que os males, como os bens d'este mundo, por mais duradouros que se-
jão, são sempre transitorios, por mais intensos que sejam, podem ser sup-
portados ou vencidos com constancia e resignação, quasi nunca chegará ao
desespero; nunca á seus infortunios, em quanto lhe restar uma centelha
de razão, procurará o illusorio recurso da morte: embalado antes por uma
esperança lisongeira, d'elles triumphará.

« Soffrei tranquillamente, dizia o philosopho Bias, as desgraças que vos acontecerem, para que ellas vos não fação infeliz. Não é mediana virtude conservar a tranquillidade da alma, e a serenidade do semblante na queda e na desgraça. » E de feito, não é corajoso, não tem alma grande, não é virtuoso aquelle, que, armado de paciencia, sabe aparar os golpes da terrível adversidade, sabe exhaurir até a ultima gotta o calix do infortunio? Não tem alma grande aquelle que, por seu resignado soffrer, sabe humilhar, sabe fazer tremer a hedionda desgraça que o persegue? Sem duvida. Semelhantemente pensava

. esse Heróe de mil batalhas,
Que o destino dos reis nas mãos continha,
Esse Heróe que com a ponta de seu gladio
No mappa das Nações traçava as raias.

(MAGALHÃES.)

« Tenho sempre tido por maxima, dizia Napoleão, que mais verdadeira coragem mostra o homem supportando as calamidades e resistindo as desgraças que lhe succedem, do que desembaraçando-se de si proprio. O suicidio é o acto de um jogador que ha perdido tudo, ou de um prodigo arruinado; e é uma falta de coragem, em vez de ser uma prova. »

Si alguma coragem ha, é só no momento da execução d'esse horroroso crime; mas essa mesma coragem é filha da propria cobardia, e muito passageira.

Conhecemos o imperio da sensibilidade; porém não podemos admitir, como querem alguns, que este acto dependa exclusivamente d'ella. Aquelle que desde o berço bebeu boas lições de moral, aquelle que se tem acostumado á submeter a sensibilidade ao imperio da razão, difficilmente será levado ao desespero. Póde sim soffrer o primeiro choque de uma impressão moral; mas ali está logo a prudencia ou a paciencia para reagir e neutralisar-lhe a acção. Não nos digão que esta ou aquella acção que pratica o individuo está na razão directa de sua sensibilidade. Onde fica a influencia das crenças, da moral e da religião? « É bem certo, diz Orfila, que os preceitos religiosos, que, sob pena das mais severas punições, prohibem o suicidio, podem prender a mão suicida do homem acabrunhado sob o peso da desgraça, e muitas vezes até, quando elle não é mais guiado pelas luzes da razão. » Entretanto que o irreligioso, por bem pouco, logo que a vida lhe pareça cheia de dissabores, onerosa, não pôe duvida em constituir-se arbitro d'ella.

Chovão embora mil ardentes raios

Da negra adversidade,

N'este valle de lobregas miserias,

Contra o pio Christão que em Deus espera,

Aos crebros fataes golpes não succumbe

Que lhe a vida atropelão:

Com semblante sereno antes resiste,

The que inteiro o eyatho do infortunio

Exgote resignado,

The que do peito lacerado exhale

O queixoso suspiro derradeiro.

(Do AUTOR.)

É verdade que tambem o fanatismo religioso, como o politico, pôde levar ao suicidio, ou fazendo que o individuo se julgue eminentemente peccador, e duvide da misericordia Divina; ou dando-lhe origem a um grande desejo de prematuramente gozar da bemaventurança da vida eterna. D'este ultimo genero foi uma seita religiosa, de que falla Krugelstein, que houve na Russia, cujos membros se arrancavão a vida para mais depressa gozarem da bemaventurança; e outra semelhante que houve na Suissa.

Um materialista, um d'esses que dizem que *o pensamento é uma secreção do cerebro*, um d'esses que não concebem existencia além d'esta vida, logo que esta lhe pareça despida de encantos, porque já lhe não possa offerecer esses gosos materiaes, unicos que á ella o prendem, não duvida tambem terminal-a voluntario: ao passo que o espiritualista, sabendo que além d'este mundo, no qual vive a alma como desterrada, onde talvez ella veio ser submettida á provanças, é que ella tem de tomar seu verdadeiro destino, segundo o papel que aqui representou; este individuo, dizemos, nunca armará o braço contra a propria vida, ao menos na incerteza de qual seja a sua sorte na vida eterna. Esperará sempre que lh'a tire, quando lhe approuver, o mesmo Deus que lh'a deu. Tambem é verdade que o espiritualismo mal interpretado pôde conduzir ao suicidio. « Um inglez matou-se, diz Krugelstein, deixando uma carta em que dizia não ter podido resistir á impaciencia de saber o que é a vida eterna, e o que nella se passa. » Conheceu Andral um mancebo, notavel pelas mais altas qualidades do espirito, que tanto se apaixonou por Platão e suas doutrinas, que cortou a propria garganta para mais de pressa gozar da felicidade da outra vida. Mas todos esses individuos estavam evidentemente em erro, allucinárão-se, e não servem de prova contra a regra geral.

Em summa, o suicidio é um attentado contra Deus, contra a sociedade, e contra o proprio individuo: contra Deus, porque o suicida usurpa-lhe um poder, e infringe o preceito, que lhe elle dera, da propria conservação; contra a sociedade, porque a priva de um de seus membros, e dá-lhe o exemplo da impaciencia, da cobardia, e da desobediencia; contra o proprio individuo, porque este priva-se d'esta sublime dadiva do Creador, e impossibilita-se de rehabilitar-se para melhor gozar da vida, e para emendar seus erros.

É portanto o suicidio um horrivel crime.

Aqui deixamos a penna, agradecendo ao Ill.^{mo} Sr. Dr. Jonathas a bondade com que aceitou a presidencia de nossa these.



PROPOSIÇÕES

SOBRE

OS DIVERSOS RAMOS DA SCIENCIA.

Botanica.—Nem os phenomenos de endosmose e exosmose, nem os de capillaridade, bastão para explicar a ascensão e descida da seiva.

Physica.—A rotação da terra e o maior ou menor gráo de calor explicão as mudanças da athmosphera, á que se dá o nome de ventos.

Chimica.—Nem sempre pela analyse chimica se pôde exactamente conhecer uma substancia dada.

Anatomia.—O cerebro é um orgão multiplo.

Physiologia.—A força vital é cousa de tanto valor para explicar as funcções dos corpos organisados, como a attracção na physica, e a affinidade na chimica.

Pathologia externa.—O cancro é quasi sempre incuravel.

Pathologia interna.—As molestias organicas do coração nos velhos são quasi sempre resultado de um obstaculo a circulaçào.

Materia medica.—O páo-pereira, e o sulfato de pereirina são preferiveis á quina e ao sulfato de quinina, nas febres periodicas.

Operações.—Deve-se abolir da pratica da cirurgia a extirpaçào do utero.

Partos.—Na secção do cordão umbilical é desnecessaria a ligadura de ambas as porções.

Higiene.—A escolha d'agua é uma das principaes necessidades para a conservação da saúde.

Medicina legal.—Só da extracção do veneno do tecido de uma viscera, do figado, por exemplo, não se pôde concluir que houve envenenamento.

Clinica externa.—É bem difficil as vezes, e quasi até impossivel o diagnostico de um tumor.

Clinica interna.—O *sopro do diabo* é essencial para o diagnostico da anemia.

PHILOSOPHIA MEDICA.

1.^a

Só ao medico philosopho compete julgar da extensão da liberdade moral do individuo.

2.^a

Todos os individuos do genero humano são iguaes perante o tribunal da medicina.-

3.^a

O estímulo do medico na pratica de sua profissão é o gemer de seu semelhante, a recompensa—o restabelecimento d'este.

4.^a

A materia é sempre inerte, seja qual fôr o papel que a vejamos representar.

5.^a

A physiologia não póde por si só explicar as faculdades intellectuaes e moraes do homem; precisa de socorrer-se do fanal da philosophia; sem o que, á cada passo que der encontrará um obstaculo, e ir-se-ha finalmente precipitar no lermo materialismo.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

Cibi, potus, venus, omnia moderata sint.

(SEC. 2.^a APH. 3.^o)

Si prægñanti purgationes menstruæ cursum teneant, benè valere foetum est impossibile.

(SEC. 5.^a APH. 60.^o)

Insanientibus si varices, aut hæmorrhoides supervenerint, insanix solutio fit.

(SEC. 6.^a APH. 23.^o)

Ab insania dysenteria, aut hydrops, aut mentis emotio, bonum.

(SEC. 7.^a APH. 5.^o)

In morbis acutis, extremarum partium frigus, malum.

(SEC. 7.^a APH. 1.^o)

Ubi somnus delirium sedat, bonum.

(SEC. 2.^a APH. 2.^o)

Remettida ao Sr. Dr. Jonathas. Bahia 4 de dezembro de 1849.

Almeida.

Esta thèse está conforme aos Estatutos.

Dr. Jonathas.

Imprima-se. Bahia 4 de dezembro de 1849.

Almeida.